



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Roberta de Carvalho Almeida

**CORPO POSITIVO, REDES SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA UMA COMPREENSÃO
INTERSECCIONAL DO FEMINISMO NA ATUALIDADE**

Rio de Janeiro

2024

Roberta de Carvalho Almeida

**CORPO POSITIVO, REDES SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA UMA COMPREENSÃO
INTERSECCIONAL DO FEMINISMO NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Ingrid D'avilla Freire Pereira

Rio de Janeiro

2024

Roberta de Carvalho Almeida

**CORPO POSITIVO, REDES SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA UMA COMPREENSÃO
INTERSECCIONAL DO FEMINISMO NA ATUALIDADE**

Projeto de Monografia apresentado como requisito
parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência
em Saúde.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

**[Nome do/a Professor/a Orientador/a]
EPSJV/FIOCRUZ**

**[Nome do/a Professor/a Convidado/a]
[Instituição do convidado]**

**[Nome do/a Professor/a Convidado/a]
[Instituição do convidado]**

Rio de Janeiro
2024

...

*Dedico esse trabalho a todas meninas e mulheres que
um dia se olharam no espelho e sentiram insuficiente
com o próprio corpo, nós mulheres sempre seremos
mais dos que padrões de beleza.*

Agradecimento

Quero agradecer, primeiramente aos meus amigos, eles foram minha família, estiveram comigo nos meus piores momentos nesses 4 anos de politécnica. Se não fosse eles eu teria desistido de tudo até de mim mesmo. Foi muito duro esse anos, mas eu estou aqui, não desistir e terminei o maior desafio da minha vida que foi esse TCC. Com esse tema que meche demais comigo, já que passei por diversos questões, como bullying e transtornos alimentares. Mas, estou feliz que tudo acabou e triste que acabou, e um misto de emoções, e felizmente teve fim essa loucura que foi esses 4 anos, estou muito grata por sair desse colégio uma pessoa completamente diferente de quando eu entrei.

Quero agradecer a minha querida orientadora, Ingrid, ela foi tão gentil comigo, respeitando minhas limitações e me apoiando. Ela acreditou em mim mesmo quando eu mesmo não acreditei, eu sou muito grata por tudo que fez por mim, nesses anos que estimemos juntas vc me ajudou muito, obrigada, você uma das melhores pessoas que eu conheci nessa escola.

*“Uma cultura fixada na magreza feminina não tem uma
obsessão pela beleza, mas
uma obsessão pela obediência feminina.”*

(Naomi Wolf)

RESUMO

O trabalho visa apresentar, a partir de uma abordagem crítica, como as redes sociais têm discutido o corpo, o corpo positivo e suas relações com o pensamento feminista. É importante entender os desafios para uma compreensão interseccional, questionar, buscar diferentes perspectivas e ampliar a diversidade de vozes. A metodologia será feita a partir de revisões de literatura, com abordagem qualitativa, através das fontes fornecidas pelo Scielo e Google Acadêmico. O Body positive ou corpo positivo se alinha ao feminismo interseccional ao validar as experiências diversas, promovendo aceitação corporal e o empoderamento feminino e o amor próprio independe da aparência física, ambos lutam contra a opressão e extensão da luta pela igualdade e justiça social. As opressões de padrões estéticos variam de acordo com as diferentes origens das mulheres. Por exemplo, mulheres gordas, negras e com deficiências sofrem discriminação não só por serem mulheres, mas também por suas particularidades físicas.

Palavras-chave: Estética; Redes sociais; Feminismo; Intecceccionalidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. OBJETIVOS.....	12
3.1 Objetivo Geral.....	12
3.2 Objetivos Específicos.....	12
4. METODOLOGIA.....	13
5. CAPÍTULO 1.....	16
6. CAPÍTULO 2.....	20
7. CONCLUSÃO.....	26

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Fagundes (2012), no feminismo contemporâneo, o corpo é visto como um elemento fundamental para a luta pela igualdade de gênero. As transformações sociais e culturais têm levado as feministas a repensarem os conceitos de beleza e a questionarem os padrões impostos pela sociedade. Isso resulta em uma nova estética, onde os conceitos de beleza são relativizados e os corpos são vistos como diversos e únicos.

Pensando com Marques (2021), a respeito do contexto social, desde a década de 1990 assistimos o surgimento da internet, que começou a se consolidar como um dos principais meios de comunicação da atualidade, facilitando o acesso a diversos conteúdos, ampliando as possibilidades de comunicação entre as pessoas e a sociedade. Esta comunicação tem, por um lado, favorecido a disseminação das informações sobre lutas e conquistas sociais, mas também ampliado discursos de ódio e de conservadorismo.

Ao mesmo tempo, a beleza passa a ser obsessão cada vez mais comum e os meios de comunicação, incluindo a internet, têm contribuído para ampliar a falta de aceitação e a busca por ideais externos que as mulheres sentem em relação a si mesmas. Assim, cria-se uma realidade com ênfase nos conceitos de beleza pré-estabelecidos que são impostos. “Existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: impregnados de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle” (WOLF, 1992, p. 26).

De acordo com Andrade et al. (2023) a globalização tem levado ao estabelecimento de certos padrões estéticos que não correspondem aos padrões morfológicos, étnicos e individuais de cada pessoa. Com isso, a aparência física tem se tornado uma configuração na formação de uma identidade cultural hegemônica, branca e eurocêntrica.

Segundo Wolf (2018) existem esforços para redefinir o conceito de beleza, mas dado o contexto do modo de produção capitalista, é muito difícil fazer mudanças ou rupturas sem maiores consequências. Criar um novo significado para a beleza é, portanto, um processo de enfrentamento de diversas dificuldades e formas de opressão.

Segundo Akotirene (2018), o feminismo amplia sua análise para além do gênero, reconhecendo a importância de considerar outros fatores de opressão que também afetam a vida

das mulheres. Isso permite uma compreensão mais abrangente das desigualdades sociais e possibilita a criação de estratégias de luta por justiça social e igualdade de direitos.

Para a autora, referência sobre o tema, o pensamento interseccional propõe que as experiências e vivências das mulheres não podem ser analisadas isoladamente, mas sim de forma interconectada, considerando a interseção de diferentes aspectos da identidade (classe, gênero e raça) de cada indivíduo. Ela reconhece que a opressão não é vivenciada de forma homogênea por todas as mulheres, e que algumas mulheres enfrentam formas específicas de discriminação e desigualdade devido a múltiplos sistemas de opressão (Akotirene, 2018).

O termo *body positive*¹, ou corpo positivo, foi empregado pela primeira vez em 1960 nos Estados Unidos, surgiu com um movimento que tinha como objetivo lutar contra o preconceito com o corpo gordo e combater os padrões de beleza impostos pela sociedade, promovendo um bom relacionamento com o corpo. Ao longo dos anos, o *body positive* foi se tornando um conceito que representava ideias de amor-próprio, aceitação e respeito com o próprio corpo. Dessa forma, o *body positive* pode ser considerado um movimento e um conceito, pois engloba os aspectos da valorização diversidade corporal e da desconstrução dos padrões de beleza.

Ressaltando que ao abordar o conceito de corpo positivo, feministas buscam desvinculá-lo das apropriações biológicas e pseudocientíficas. O objetivo é ressignificar o corpo, valorizando sua diversidade e promovendo o empoderamento das mulheres, favorecendo a análise conjunta sobre gênero, raça e classe.

Pensando com Rocha (2021), a partir da relevância desse movimento e dos influenciadores digitais por trás, incentivando o desenvolvimento mental das mulheres, indicando que a beleza está presente em qualquer tipo de corpo e aparência. Essa rejeição dos corpos se dá pela oposição social que está presente na distorção corporal imposta socialmente.

Um dos principais desafios é a existência de um feminismo branco, eurocentrado e hegemônico, que muitas vezes privilegia apenas determinadas pautas e experiências, excluindo vozes e vivências de mulheres que não se enquadram nesse padrão. Isso contribui para a reprodução

¹ *Body positive* pode ser traduzido para o português como “corpo positivo”, porém, para efeito de busca sobre o tema, temos priorizado o termo em inglês para maior alcance das pesquisas.

de desigualdades e invisibilização de grupos marginalizados, como mulheres negras, indígenas, transgêneros, entre outras.

Além disso, a falta de diálogo e colaboração entre os diferentes movimentos sociais também representa um desafio para uma compreensão interseccional do feminismo. É necessário reconhecer que as opressões estão interligadas e que as lutas contra as desigualdades vinculadas à classe social, o racismo, a homofobia, a transfobia e outras formas de discriminação estão intrinsicamente ligadas à luta pela igualdade de gênero. Por isso, nesse trabalho, fez-se a opção de abordar o conceito de corpo positivo como possível insurgência frente à pressão estética que oprime, sobretudo, mulheres cis e trans.

2. JUSTIFICATIVA

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 2018, p.13).

Os padrões estéticos consolidam-se como estruturas poderosas de aprisionamento da subjetividade individual e são fruto de uma tremenda pressão externa construída pelo capital, pela cultura e pela mídia.

Este estudo sobre uma compreensão interseccional do feminismo destaca a importância de considerar diferentes identidades e marcadores sociais, tais como raça, gênero, classe, como elas se cruzam na experiência individual. No contexto movimento corpo positivo, uma abordagem interseccional reconhece que as questões da imagem corporal não se baseiam apenas no peso ou na aparência, mas também são influenciadas nas estruturas sociais.

Assim, a compreensão interseccional do corpo positivo no feminismo nas plataformas digitais requer a apreciação das variadas experiências e formas de opressão que influenciam a relação de cada indivíduo com seu corpo. É fundamental que o movimento em prol do corpo positivo ultrapasse a simples comemoração de diferentes corpos e se dedique a dismantlar as estruturas que promovem desigualdades e exclusões, englobando uma diversidade maior de vozes e experiências que retratam a pluralidade dos corpos e das vivências femininas.

No espelho, um retrato triste se desenha,
As linhas do corpo refletem uma dor imensa.
As curvas e contornos são motivo de tristeza,
Um sentimento profundo de falta de beleza.

O olhar percorre cada centímetro com desgosto,
Destacando cada detalhe que não foi imposto.
Os olhos cansados refletem a insatisfação,
Uma sombra de dúvida preenche o coração
(Roberta Almeida, 2023).

Acredito que pressões estéticas afetam nosso psicológico e nossa saúde física, gerando inseguranças. A existência de movimentos que abordem essa temática, como body positive e feminismo interseccional, traz esperança que um dia mulheres possam se amar do jeito que são sem ser pressionadas pelos padrões. A “falta de beleza” que está no nosso imaginário, pode ser transformada em luta e resistência, sendo assim, quebrar padrões é um ato de resistência e lutar contra a opressão e a intolerância. Permitindo assim que cada corpo possui que suas histórias e vivências, possam ser incluídos e aceitos de forma natural, através disso construiremos uma sociedade mais sólida e coerente.

3. OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL:

O objetivo geral é compreender como o conceito de corpo positivo, suas origens e repercussões podem contribuir para uma leitura interseccional do feminismo na atualidade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Realizar revisão de literatura sobre os conceitos body positive / corpo positivo;
- 2) Identificar de que modo a sociedade, a mídia e as redes sociais têm relação com o desenvolvimento de uma imagem corporal negativa de mulheres.

4. METODOLOGIA

Este projeto está baseado na abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1994, 2000 p.342) “a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Sendo assim, usou como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico tendo como referência os descritores os termos: “Corpo positivo” e “Body positive”.

Filtramos os resultados em “Português”, estabelecemos como período 2020-2024. Foram selecionados 13 trabalhos em português. Como categorias mais associadas aos resultados da busca, encontramos: movimento body positive, corpo gordo, ativismo gordo, ferramenta estratégica, rede social.

	Título do artigo	Ano	Meio de divulgação	Palavras-chave
1	MOVIMENTO BODY POSITIVE E O CORPO GORDO	2022	Trabalho acadêmico, não foi publicado em revista. CADERNO DISCENTE, 2022 - revistas.esuda.edu.br	-
2	MOVIMENTO BODY POSITIVE NO INSTAGRAM: REFLEXÕES SOBRE A ESTETIZAÇÃO DA SAÚDE NA SOCIEDADE NEOLIBERAL	2021	RECIIS - Dossiê Comunicação, Saúde e Crises Globais: parte 2 v. 15 n.1 (2021)	Body positive Estetização da saúde Redes sociais Instagram Neoliberalismo
3	Body positive no instagram: uma análise dos modos de aceitação corporal a partir da roleta interseccional	2020	MP Martins, FAS Carrera - Razón y Palabra, 2020 - ryp.cheersportwildcatVs.com	

Limites da autoaceitação corporal e a cultura body positive : uma visão de profissionais de saúde	2020	L Sales, P Lima, DC Maynard - 2020 - repositorio.uni ceub.br	Obesidade body positive aceitação corporal
Você pode ser gorda: questões para os feminismos	2020	LS Almeida - 2020 - SciELO Brasil	-
QUEM FALA SOBRE AS MULHERES - A REPRESENTAÇÃO DO CORPO GORDO:FEMININO NO INSTAGRAM	2020	.AC Pinto, GS Alves - Anais do Seminário Comunicação e ..., 2020 - periodicos.ufes .br	Corpo gordo feminino. Corpo como território político. Mito da Beleza. Influenciador Digital. Instagram
Narrativas sobre aparência e saúde do corpo feminino: a disputa por capitais sociais em perfis do movimento corpo livre e da cultura fitness no Instagram	2021	Dissertação	-
Ciberativismo feminista no Brasil: A transformação da aceitação dos corpos femininos diversos no Instagram	2021	M de Castro Limeira, AC Farias - Revista Ibero-Americana de ..., 2021 - periodicorease. pro.	Ciberativismo. Padrões de beleza. Instagram.

9	O corpo gordo: uma cartografia do imaginário social	2020	Plus Size PA Nechar - 2020 - repositorio.pucsp.br	artografia Imaginário social Plus-size women's clothing Cartography FeminineSocial imaginary
10	QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO GORDO: o feminismo voltado ao empoderamento do corpo gordo e uma análise do movimento “corpo livre” no Youtube	2021	CB Félix - 2021 - 192.100.247.84	Feminismo Padrão social Body positive Gordofobia
11	O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia	2020	A de Sousa Arruda, J Miklos - LÍBERO, 2020 - seer.casperlibero.edu.br	Gordofobia. Corpo. Imagem. Mídia. Estereótipos
12	Os significados sociais atribuídos ao corpo gordo ao longo do tempo	2023	JH de Sousa Júnior, RA da Rocha - Boletim de Conjuntura ..., 2023 - revista.ioles.com.br	Discrimination, Diversities, Fat Body, Social Meanings Corpo Gordo, Significados Sociais, Discriminação, Diversidades

5. BODY POSITIVE E FEMINISMOS INTERSECCIONAIS

“As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.”

Marielle Franco

As percepções estereotipadas e restritivas relacionadas aos corpos das mulheres estão sendo desafiadas pelos estudos feministas contemporâneos, que ajudam a expandir a compreensão da diversidade e das nuances do corpo feminino.

‘Todos os dias ela acorda, se pesa na balança do quarto, anota o peso, rola o feed do Instagram, vê mulheres com corpos esculturais dando dicas de como emagrecer e promessas vazias que ajudam a conquistar um corpo igualmente esguio e torneado’ (Vieira, 2019, p. 35). Isso reflete as pressões sociais sobre a aparência física e a busca por um corpo considerado “perfeito”, muitas vezes alimentada pela exposição da imagem e das informações das redes sociais.

Essas pesquisas consideram as várias influências sociais, econômicas e históricas que moldam as ideias sobre o corpo, revelando como essas visões impactam a forma como as mulheres são percebidas e tratadas na sociedade.

Trabalhos dos estudos feministas, produzidos sobretudo a partir dos anos 80, discutem o modo como as diferentes sociedades compreenderam o lugar social das mulheres a partir de seus corpos. No contexto contemporâneo, tal articulação é marcada por um olhar sobre o corpo feminino como “naturalmente” deficiente, em falta, doente, frágil – além de tantas outras qualificações justificadas em nome de uma concretude biológica (Fonseca, 2018, p. 10).

Segundo Fonseca (2018) o corpo tem padrões definidos, como altura e peso, pelos homens sendo o corpo da mulher a personificação e representação desses inúmeros significados sociais. Para a mulher esses significados têm total valor histórico, refletindo até os dias de hoje. Há, no entanto, diferentes iniciativas históricas que tentaram viabilizar este problema. Uma delas, mais recente, tem se caracterizado como movimento body positive.

O movimento que conhecemos hoje tem raízes em movimentos de ativismo gordo que surgiram nos Estados Unidos durante a década de 60, como o fat liberation (liberação gorda) e o The National Association to Advance Fat Acceptance, que combatiam a discriminação contra corpos gordos, a obsessão pela magreza e a desmistificação de que nenhum corpo gordo é saudável. Em 1996 surgiu nos Estados Unidos a organização The Body Positive, fundada pelas assistentes sociais americanas Connie Sobczak e Elizabeth Scott (Vieira,2019, p,36).

O movimento está ativo há algumas décadas, ganhou maior visibilidade em 2015, com o crescimento a partir da visibilidade das redes sociais. “O movimento propõe uma maior aceitação do próprio corpo e a necessidade de parar de associar saúde ao peso ou beleza com determinado manequim, mas ele também promove a maior satisfação pessoal” (Matos, 2022, p,4). Assim, uma pessoa que está acima do peso pode encontrar satisfação em seu corpo, enquanto almeja transformá-lo. Em suma, o movimento não se trata de aceitar passivamente um certo aspecto da aparência, mas sim de fomentar uma perspectiva mais gentil e realista acerca disso.

Com a construção de uma autoestima sólida, a mulher passa a viver de acordo com seus próprios ideais acerca dos corpos, deixando de lado os estereótipos e as imposições sociais, tais como pressões estabelecidas pelo meio estético, criando assim uma lacuna econômica pois haverá uma diminuição exponencial de consumo dos conteúdos, sejam eles produtos ou procedimentos, produzidos por essa indústria.

O body positive auxilia na promoção da valorização e na aceitação dos diferentes biotipos de corpos sem se importar com o tamanho, formato e aparência. O movimento ou conceito propaga uma boa relação com seus corpos, induzindo o reconhecimento da diversidade e a pluralidade de seus corpos, mostrando como esses padrões influenciam a busca de um corpo perfeito que se encaixe nos inalcançáveis padrões estéticos da sociedade.

Com o aumento da popularidade do movimento body positive, a promoção da magreza como um padrão idealizado acaba levando a um processo de comercialização, onde influenciadores são pagos para divulgar produtos em suas plataformas. Assim, os apoiadores desse movimento acabam se distanciando dos princípios fundamentais, passando a priorizar apenas a estética. (Burlamaqui, 2021)

De acordo com Fonseca (2018) o body positive tem um papel individual que colabore para que todos possam viver o processo de auto aceitação corporal e ter coragem de enfrentar os padrões estéticos socialmente impostos. Ao mesmo tem função social, que diz respeito ao direito que todos os tamanhos corporais possam ter acesso a espaços sociais e garantias de serem representados adequadamente.

Na atualidade do contexto brasileiro a ativista e jornalista Alexandra Gurgel é um dos grandes nomes desse movimento. Em seu livro “Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário” ela traz essa discussão sobre o corpo neste movimento, apontando perspectivas sobre as diferentes formas de existência física e garantia de que todos sejam tratados de forma igual e tenham os mesmos direitos, independentemente do tamanho, peso, cor, limitações ou demais características.

Importante dimensionar que o feminismo branco não tem, em seu histórico, o tratamento dessa temática do corpo das mulheres, em especial, das mulheres negras, trans e indígenas. “Elas entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando raça do cenário.” (Hooks, 2018, p.70)

“Por anos testemunhei a relutância de pensadoras feministas brancas em reconhecer a importância da raça. Testemunhei sua recusa em abrir mão da supremacia branca, sua falta de vontade de reconhecer que um movimento feminista antirracista era a única base para tornar real a sororidade. E testemunhei a revolução de consciência que aconteceu quando mulheres individuais começaram a se libertar da negação, a se libertar do pensamento de supremacia branca. Essas maravilhosas mudanças restauram minha fé no movimento feminista e fortalecem minha solidariedade a mulheres. (Hooks, 2018, p.72)”

A invisibilidade das mulheres negras se deve ao fato de que suas demandas são diferentes das demais. Enquanto as brancas lutavam pelo direito ao voto e maior remuneração, a comunidade negra feminina lutava apenas para serem enxergadas como cidadãs, para assim terem seus direitos assegurados. “A interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras”(Akotirene, 2019, p. 14).

No âmbito feminista, a interseccionalidade destaca a relevância de levar em conta as vivências e experiências das mulheres de variados grupos sociais, reconhecendo que as opressões ocorrem de formas distintas e combinadas. Isso implica que as experiências das mulheres brancas podem ser distintas das mulheres negras, indígenas ou trans.

A interseccionalidade tem como objetivo ultrapassar a perspectiva restrita do feminismo, que historicamente negligenciou as questões raciais, perpetuando privilégios e hierarquias no seio do movimento feminista. Esta abordagem, ao reconhecer e apreciar a variedade de experiências femininas, visa fomentar uma luta feminista mais inclusiva, equitativa e solidária.

De acordo com Oliveira (2022) o posicionamento anticapitalista do movimento feminista surge ao identificar o capitalismo como um sistema. A crise contínua enfrentada pelos corpos femininos e outros grupos em situação de vulnerabilidade é constantemente exposta e reinterpretada pelo sistema capitalista. Significa que o capitalismo é o palco onde as relações de desigualdades sociais ocorrem.

A sensibilidade interseccional foi fundamental para a análise da relação entre teoria e movimentos sociais, pois permitiu a percepção de como as relações de poder atingiam os corpos de forma simultânea e inter-relacionada, propiciando diferentes experiências aos sujeitos, dependendo da realidade em que vivem. Principalmente no que se refere à interseção entre gênero e raça, foi a partir do movimento feminista negro e de suas experiências de luta e resistência que a interseccionalidade foi primeiramente observada(Oliveira, 2022. p.5)'.

A interseccionalidade tem se mostrado como categoria crucial para a avaliação da conexão entre teoria e movimentos sociais. Ela possibilitou entender como as relações de poder impactam os corpos simultaneamente e de maneira interligada, gerando experiências distintas para cada pessoa, de acordo com sua realidade. Em particular, o movimento feminista negro destacou a interseção entre gênero e raça, sendo pioneiro na identificação da interseccionalidade. Seria, a ideia de corpo positivo, uma das avenidas na discussão da interseccionalidade?

6. SOCIEDADE, MÍDIA, REDES SOCIAIS E O DESENVOLVIMENTO DA IMAGEM CORPORAL NEGATIVA DAS MULHERES

“As mulheres, há tempos, são submetidas a um padrão esmagador que dita o que devem vestir, quanto deve pesar, quão femininas devem ser.” (ALVES, 2022, p.4)

O significado do corpo tem valor social, representa status e poder. É, portanto, uma construção social e histórica (Antunes, 2023). De modo geral, embora existam mudanças ao longo dos séculos, há um padrão de compreensão prejudicial à saúde física e mental das mulheres, socialmente que também vem sendo construído pelas redes sociais e diferentes meios de comunicação. As redes sociais desempenham importante papel na divulgação de ideias negativas, mas também positivas sobre o corpo, permitindo que os indivíduos compartilhem as suas experiências, histórias e imagens corporais.

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 2018, p.13).

Para Wolf (2018), ao mesmo tempo em que as mulheres desafiavam a estrutura de poder sexista, os distúrbios alimentares proliferaram e a cirurgia plástica tornou-se uma das especialidades médicas mais importantes. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), o Brasil é líder mundial no ranking de cirurgia plástica entre os jovens, com aumento de 141% no número de processos dos últimos dez anos.

Para Vieira (2019), todos os ideais de beleza feminina, nas sociedades ocidentais, vêm do ideal de Platão. A teoria da beleza de Platão está relacionada à sua visão de mundo. Para o filósofo,

a beleza ideal está ligada a uma construção mental, uma Beleza Maior, que constrói um mundo de ideias ou essências puras, eternas e imutáveis. Portanto, a beleza platônica é algo idealizado, intangível e distante do mundo real.

Segundo Romão (2010), a procura de uma nova aparência, por sua vez, afeta não só a pintura, mas também a arquitetura, na medida em que as novas técnicas industriais permitem criar formas completamente diferentes de qualquer morfologia tradicional. A substituição da madeira pelo carvão na extração, transporte e beneficiamento do ferro permite sua produção industrial e abre caminho para a estruturação de uma nova ordem metodológica e tecnológica no processo de transformação da arquitetura em planejamento urbano. Enquanto a pintura inaugura uma nova percepção, uma nova forma de representar os corpos e de perceber a realidade, a arquitetura inaugura uma nova forma de construção, uma nova forma de intervir e modificar a realidade.

Assim, a construção social da imagem corporal também está relacionada às normas de gênero e às expectativas impostas às mulheres em diferentes contextos. A sociedade define padrões de beleza e estabelece um ideal de corpo feminino, muitas vezes associado à magreza e à juventude, o que pode gerar pressões e insatisfação nas mulheres que não se encaixam nesses padrões. Ideais de beleza são socialmente impostos para as mulheres. Esses padrões começaram a ser impostos, é possível identificar na arte, arquitetura e moda como uma das primeiras estruturas a influenciar fortemente a ideia de beleza feminina.

Ainda de acordo com Romão (2010), a beleza contemporânea traduz um ideal de beleza social e manipulado, e a construção da personalidade é feita pela imagem, como se ela fosse a principal fonte de referência para esse processo, e o corpo passa a ser o objeto a ser trabalhado, construído em função disso. Às regras que fazem esse passaporte de felicidade. O controle da aparência torna-se a principal moeda nos mercados profissionais e sexuais, ampliando as possibilidades de promoção social, a imagem corporal é cada vez mais um sinal de individualidade, rompendo ainda mais a fronteira entre o individual e o coletivo.

A moda, como uma forma de expressão cultural, tem o poder de ditar tendências e estabelecer ideais estéticos. Desde a antiguidade, diferentes civilizações desenvolveram suas próprias noções de beleza feminina, moldando corpos e atributos considerados ideais de acordo com suas crenças e valores culturais. Por exemplo, na Grécia Antiga, a beleza era associada à

simetria e proporção do corpo, enquanto na Idade Média, a imagem de uma mulher "cheia de curvas" era considerada atraente.

A indústria da moda é um dos maiores meios de consumo feminino e é responsável por desenvolver essas diretrizes. Segundo Wolf (2018), os modelos anteriores eram 10 quilos mais pesados, enquanto hoje são 10 quilos mais leves. Isso é responsabilidade exclusiva da mídia, aliás, essa visão que as mulheres têm é completamente distorcida e afeta a saúde física e psicológica dessas mulheres.

Assim, historicamente, as mulheres prejudicam a sua saúde física e mental devido às redes sociais que impõem estereótipos corporais, o que significa que os distúrbios alimentares são cada vez mais comuns entre as mulheres e os jovens. Pensando com Wolf (2018), o corpo feminino não pertence a nós mulheres, mas sim à sociedade, não se trata de estética pessoal e a fome é uma concessão social que a sociedade capitalista em que vivemos exige. A beleza não é um atributo universal ou imutável.

Segundo Castro (2021), o capitalismo vem fazendo o corpo ser uma das suas maiores fontes de investimento, com a visão do campo estético, que desvaloriza a vida e as possibilidades de uma vida digna para as mulheres, enfatizando saídas com ênfase no consumo para criação de sensação de aceitação.

A produção capitalista tem um papel significativo na ampliação das desigualdades de gênero e na construção da imagem corporal negativa das mulheres. No sistema capitalista, o lucro é prioritário e a indústria da moda, beleza e publicidade se aproveitam disso para impor padrões de beleza inatingíveis, que geram uma demanda constante por produtos e serviços relacionados à aparência.

Esses padrões de beleza são baseados em corpos magros, jovens, brancos e sem imperfeições, o que exclui e marginaliza corpos que não se encaixam nesses ideais. Isso cria uma pressão social para que as mulheres se adequem a esses padrões, levando à insegurança, à baixa autoestima e a uma busca incessante pela perfeição física.

Além disso, a exploração do trabalho das mulheres na indústria da moda e da beleza também contribui para a ampliação das desigualdades de gênero. Muitas vezes, as mulheres são

submetidas a condições de trabalho precárias, salários baixos e discriminação nas áreas relacionadas à aparência. Essa exploração econômica reforça a ideia de que o valor das mulheres está associado à sua aparência, perpetuando a imagem corporal negativa.

De acordo com Alves (2022) as mulheres estão sendo submetidas à padronização dos seus corpos desde a juventude, sendo expostas à valorização do corpo magro como critério de beleza e de aceitação. Esses padrões de beleza estão sendo reforçados pela mídia, que vincula frequentemente imagens de corpos idealizados. A alta exposição leva as mulheres a internalizar esses padrões como únicos aceitáveis, o que costuma produzir de forma contínua a imagem corporal negativa.

Para Marques (2021) as redes sociais estão tendo muito mais influência nos dias de hoje no aspecto da vida social, elas estão sendo grandes ferramentas de divulgação que permitem excesso de informação, valores e opiniões.

As mídias sociais criam ambientes que intensificam o conteúdo de padrões inatingíveis, expondo as mulheres a conteúdos corporais “filtrados” e inalcançáveis, facilitando constantemente comparações entre mulheres, o que pode levar ao desenvolvimento de insatisfação corporal.

A beleza como horizonte a ser conquistado e o ideal estético corporal dela derivado constituem uma armadilha que se insere em um ciclo do consumo e dieta. Em outras palavras, a não adequação do corpo leva os indivíduos a se sentirem impróprios e deslocados, despertando o desejo de ‘consumir’ dietas restritivas, atividade física exaustiva, jejuns prolongados, diuréticos, laxantes, ou qualquer outra prática que leva, minimamente, à conquista do corpo ideal e não da saúde (Marques, 2021, p 145).

A construção do que é belo é só algo idealizado que corrompe e manipula pessoas a se tornarem algo que não são, perdendo sua essência e o seu “Ser”. A padronização da beleza vem sendo desenhada pela sociedade, tornando-se algo que se deseja, mesmo tendo a função de usar a imagem de beleza contra as mulheres para benefício próprio da mídia e redes sociais.

A mídia tem função decisiva na nova forma de o poder ser exercido. Por intermédio da publicidade, dos bancos de dados e da moda, tenta-se constituir um consumo para além da necessidade, assegurando sua continuidade tão preciosa quando há superprodução. Por outro lado, quando se trata de limitar o excessivo para garantir a duração, o exercício do poder como ação sobre a ação possível dos outros é uma informação a respeito do futuro. Trata-se de realizar uma descrição

valorativa do presente e informar, diante do descrito, o que pode ser o futuro. Esse jogo, válido para a política e a ética, procura estabelecer quando e quanto se deve arriscar (VAZ, 2006, p. 56).’’

A função da mídia, somada à cultura do corpo idealizado, afeta a padronização, onde a sociedade promove a melhoria dos resultados na busca pela beleza ideal. A mídia propaga uma imagem de beleza voltada para o mercado, manipula as mulheres no consumo extremo de produtos de beleza, o que acaba resultando em baixa autoestima, pois esses produtos têm como objetivo desvalorizar a verdadeira beleza feminina.

As redes sociais são ferramentas usadas como propagação de informações, divulgação de imagens e tudo que envolve campo midiático. São usadas como material de expressão, com criação de perfis voltados a beleza magra, hashtags voltadas ao corpo irreal que impõem mulheres que estão expostas a esses perfis a enaltecer o corpo magro e se desvalorizarem porque não se aceitam e não gostam de si mesmas.

No contexto do uso massivo das redes sociais, tem sido frequente a expressão de discurso de ódio por mulheres, o que é um obstáculo adicional para a construção da igualdade de gênero.

A restrição da circulação dos corpos a determinados ambientes perpassa pela classe social, gênero, raça e características físicas. A formação histórica das sociedades ocidentais caminhou para a coroação do padrão de homens brancos, europeus e heterossexuais, afinal foram estes que acumularam poder através do capital, das leis e da religião (CASTRO, 2021, p. 4).

A história das sociedades ocidentais revela que homens brancos privilegiados com o padrão de normalização, acumularam poder pelo capital, das leis e da religião, portanto as mulheres foram afetadas com essas restrições, sofreram discriminação e com desigualdade ao longo dos séculos.

Para que haja um confronto com a beleza de hoje, precisamos do apoio de movimentos que conscientizem as mulheres e reflitam novos padrões. Ter um bom relacionamento com o corpo pode influenciar em uma relação mais íntima com o próprio corpo, auxilia no entendimento que a imagem corporal não é apenas sobre aparência física, mas também relacionada aos aspectos emocionais e psicológicos, as mulheres precisam aprender a se amar e se aceitar como são.

Na atualidade uma marca muito famosa mundialmente de lingerie a VS (Victoria Secret), recentemente voltou com seus desfiles que traz um impacto na imagem corporal das mulheres. A

marca é conhecida por enfatizar a beleza física, promovendo um padrão corporal idealizado, muitas mulheres se sentem pressionadas a alcançar esses corpos excessivamente magros.

A marca é bastante criticada por promover padrões de beleza inalcançáveis, as “Angels” que são as modelos da marca que são conhecidas por serem extremamente magra e seguirem um padrão eurocêntrico e heteronormativo, isso pode levar muitas mulheres se sentirem inadequadas e não incluídas com seus próprios corpos, alavancando o aumento da baixa autoestima. No entanto, a Victoria Secret vem enfrentando bastante críticas com a falta de diversidade nas suas campanhas de seus desfiles. A marca que em 2018 teve seus desfiles cancelados por se recusar a não representar mulheres de diferentes tamanhos, etnias e formas corporais, sendo assim reforçando os estereótipos e contribuindo para a exclusão de mulheres que não se encaixavam no padrão da marca. Por outro lado, há amplo engajamento nas redes sociais que expressam insatisfação com a marca e pedidos de mais diversidade corporal: plus size, mid side, negras, trans e PCDs.

7. CONCLUSÕES

É importante reconhecer os desafios das redes sociais na compreensão do feminismo interseccional. A velocidade e a simplificação das informações podem levar a distorção dos debates, resultando numa compreensão superficial e fragmentada do feminismo.

Portanto, é inegável que os padrões estéticos influenciam de forma direta o comportamento de mulheres que sofrem disforia corporal e que estão fora deste “padrão”, é uma questão bem problemática, porque se trata de questões sociais e políticas que envolve não só o corpo da mulher, mas também a economia.

As plataformas sociais têm uma importância fundamental na promoção do feminismo interseccional, oferecendo ambientes onde é possível trocar informações, debater ideias e se envolver em causas que discutem as intersecções das formas de opressão. Contudo, também nos deparamos com obstáculos, como a propagação de padrões de beleza inalcançáveis, a ausência de diversidade e a disseminação de mensagens de ódio.

Para enfrentar esses obstáculos, é essencial incentivar uma variedade maior de vozes e representações nas plataformas sociais, garantindo que mulheres de distintas origens e identidades sejam ouvidas. Ademais, é necessário lutar contra a propagação de discursos de ódio e estabelecer ambientes seguros que favoreçam o diálogo e a partilha de vivências.

De maneira geral, as plataformas sociais desempenham uma função importante na divulgação do corpo positivo e do feminismo interseccional. Contudo, é fundamental manter um esforço constante para assegurar uma compreensão ampla e inclusiva dessas questões, levando em consideração as intersecções das opressões e as variadas vivências das mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lorena Rocha et al. Imagem corporal está associada com estado antropométrico em adolescentes, mas não com estilo de vida. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 28, n. 01 [Acessado em: out. 2023], pp. 71-82. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232023281.06192022>>. ISSN 1678-4561. <<https://doi.org/10.1590/1413-81232023281.06192022>>.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Body positive e body neutrality: Uma análise do Instagram das influenciadoras dos movimentos de aceitação corporal. Orientador: Prof. Dra. Cristiane Henriques Costa. 2019. 63 f. Tcc (Universidade) - Ufrj, Ufrj, 2019.

Conde, T. N., & Seixas, C. M. (2021). Movimento body positive no Instagram: reflexões sobre a estetização da saúde na sociedade neoliberal.

Castro Limeira, M., & Farias, A. C. (2021). Ciberativismo feminista no Brasil: A transformação da aceitação dos corpos femininos diversos no Instagram. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(5), 621-634.

Caleiro, R., & Gusmão, J. L. F. V. (2012). História, Corpo, Moda e Questões sobre o feminismo. *Histórica—Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, (53), 01-08.

DE OLIVEIRA, Lorena; MURAD, Eduarda Maria. FEMINISMO INTERSECCIONAL. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 10, n. 18, p. 130-151, 2022.

DA ROCHA, Claudia Burlamaqui Lima. *Body positive & Instagram: Performances online do corpo feminino*. 2021.

Ferreira, F. R. (2010). Corpo feminino e beleza no século XX. *Rev. ALCEU*, 11(21), 186-201.

FONSECA, Marilda da et al. *Um corpo é um corpo: discursos e narrativas do movimento body positive*. 2018.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*

Matos, A., Alves, J., & Barretto, L. (2022). MOVIMENTO BODY POSITIVE E O CORPO GORDO. *CADERNO DISCENTE*, 7(1), 28-36.

Suassuna, L. (2008). Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Revista Perspectiva*, 26(1), 341-77.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v.3, n.6, p. 37-62, 2006.

Rocha, C. B. L. (2021). Body positive & Instagram: Performances online do corpo feminino.

Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.